



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARLOS FERNANDO FERREIRA DA CUNHA JÚNIOR (2)

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-767

Entrevistado: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior

Nascimento: 10/10/1970

Local da entrevista: Belo Horizonte – MG

Entrevistadoras: Adriana Zimmermann e Mayara Cristina Mendes Maia

Data da entrevista: 27/04/2017

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 48 minutos e 14 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Temática do lazer; Envolvimento com o esporte e o lazer; Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Formador e suas funções; Áreas de atuação do articulador; Contato com os formadores; Temas abordados nas formações; Formação e os núcleos; Pontos positivos e negativos; Relação com a Rede Cedes; Ensino à Distância; Educação à Distância.

Belo Horizonte, 27 de abril de 2017. Entrevista com Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior a cargo das pesquisadoras Adriana Zimmermann e Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Primeiramente Carlão, gostaria de agradecer o seu aceite para conceder a entrevista. E gostaríamos de perguntar qual a tua formação?

C.C. – Eu sou formado em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (a UERJ) em 1993; sou Mestre em Educação também pela UERJ¹, fiz Doutorado também em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais na UFMG, e também tenho um Pós-Doutorado em Educação pela UERJ finalizado em 2010.

M.M. – Como que a temática do lazer apareceu na sua trajetória?

C.C. – Bom, para falar na verdade da minha trajetória sobre as temáticas que eu desenvolvo na minha carreira profissional, tanto no campo do lazer, quanto da história da Educação Física e do esporte, é preciso remeter a esse momento inicial da formação na UERJ, no início da década de 1990 quando eu entrei para fazer o curso de Educação Física. Na verdade, eu entrei na turma de 1989 no segundo semestre e, vocês bem sabem que esse final da década de 1980, início da década de 1990 foram anos muito efervescentes, não só no campo das Ciências Humanas em geral, mas também no campo da Educação Física. Movimento renovador na sua plenitude podemos dizer assim. Um propostas diferenciadas para a Educação Física. Quando eu falo de Educação Física eu estou falando do *campo* da Educação Física, onde se insere também o campo lazer, então, várias questões ali sendo confrontadas, redimensionadas, repensadas. Eu fiz parte do Movimento Estudantil da Educação Física nessa época, a partir do Centro Acadêmico da UERJ, e foi no Movimento Estudantil que a gente começou a participar dessa efervescência no campo da Educação Física e repensar todas essas questões. Nesse período a temática do lazer já entrava nas discussões que estavam sendo colocadas naquele momento, já com alguns eventos específicos sendo realizados e a gente acessando algumas literaturas que estavam sendo produzidas naquele momento, pessoalmente do grupo do professor Nelson Carvalho

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Marcellino e outras literaturas tentando enxergar o lazer de uma perspectiva mais crítica, já naquele momento. Então o lazer entra para mim quanto objeto de estudo, objeto de reflexão a partir desse período aí do início da década de 1990.

M.M. – E como foi esse desenvolvimento da sua trajetória dentro da área do esporte e do lazer, até chegar o PELC²?

C.C. – Então, a partir da vivência do Movimento Estudantil da Educação Física, eu acabei fazendo... Todo mundo do grupo da UERJ naquele momento, nessas gestões que a gente teve lá no Centro Acadêmico, a gente acabou conhecendo muitas pessoas do Brasil inteiro e acabamos dialogando com outros sujeitos que vieram antes de nós. A gente pode dizer assim, de uma outra geração, uma geração anterior a nossa, que também militou no campo da Educação Física e no campo da Educação em geral. E a gente acabou se articulando e fazendo alguns grupos, algumas discussões, a partir desse contato com pessoas como, por exemplo, o José Ribamar³, o Luiz Otávio⁴, que eram pessoas... O próprio Marco Santoro⁵ que está aqui hoje, enquanto palestrante, e outras pessoas naquele momento não eram da UERJ, eram de universidades e faculdades do Rio de Janeiro que já militavam. Alguns formados em outros campus, em sindicatos ligados à Educação, na APEF – Associação de Professores de Educação Física, então, se constitui um grupo naquele momento de discussão sobre, especificamente, essa temática do esporte e do lazer e isso já pensando no campo das políticas públicas. Então, muitas dessas pessoas eram ligadas ao Partido dos Trabalhadores e a gente ali participando junto a esse grupo, começamos a desenvolver alguns eventos, lembro de uma evento que nós... Que foi realizado a partir de um mandado de um vereador, o Adilson Pires do Partido dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, depois eu posso levantar a data desse evento, porque agora eu não lembro... É nesse momento que o tal modo petista de governar já acontecendo em diversos municípios brasileiros chega ao Rio também, em uma perspectiva da gente pensar: “O que seria esse modo petista de governar?” Na perspectiva do esporte e do lazer, enfrentando ali essa dinâmica das políticas públicas. E, claro, o lazer vai ter um papel fundamental nesse processo a partir dessas experiências que a gente já tinha conhecimento, já recebia nas

² Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

³ José Ribamar Pereira Filho.

⁴ Luiz Otávio Neves Mattos.

notícias de Porto Alegre e de algumas cidades do município do estado de São Paulo. E a gente começa nesse grupo a discutir o que seria essa perspectiva no Rio de Janeiro quando a gente tivesse alguém representando esse campo mais progressista tanto no município do Rio, quanto no estado. O que acabou não acontecendo nesse momento da década de 1990. Então foi a partir desse grupo que isso se desenvolveu, foi esse grupo junto a outros militantes petistas de outras cidades brasileiras que fundaram o Setorial de Esporte e Lazer, o Partido dos Trabalhadores, e esse setorial passou a ser esse instrumento, esse coletivo, esse grande coletivo de discussão do que a gente pode chamar de uma política pública, de pensar o esporte e lazer nessa perspectiva petista de governar. Eu não fiz parte diretamente desse grupo, eu não era filiado ao Partido dos Trabalhadores, mas estava aí na medida do possível dialogando com essas pessoas, porque além de pessoas que passaram a fazer parte desse coletivo de pensar essas questões, passaram a ser amigos; as relações pessoais se firmaram e além de um grupo de amigos, era um grupo de pessoas com os quais a gente discutia diversos assuntos, e esse era o assunto, o tema, vamos dizer assim, principal das nossas discussões: pensando em uma Educação Física mais crítica, em um lazer mais crítico do ponto de vista da política pública, do que a gente poderia construir em termos de um projeto para o município do Rio de Janeiro, ao estado enfim. Com a eleição já no primeiro governo do presidente Lula, o PT, chegou ao poder depois de tantos anos de discussão e de eleições frustradas. Com essa eleição vai haver *toda* uma discussão, e aí mais do ponto de vista mesmo na divisão de cargos, a criação do Ministério do Esporte ou não, das secretarias, da composição do governo... Vai haver toda uma discussão desse setorial do esporte e lazer do PT e é referendada a criação do Ministério do Esporte. E na divisão de forças dentro do governo, e nas forças de coalisão dos diversos partidos, o PC do B⁶ acaba sendo o partido que foi o responsável pelo Ministério do Esporte e a gente pode dizer que esse grupo do setorial do esporte e lazer do PT, acabou sendo reservado a um pedaço do Ministério, que foi a criação de uma secretaria que desse conta dessas ações das políticas públicas do esporte e lazer mais voltados para essa discussão que a gente tinha, do que a gente chama de esporte recreativo e isso *culminou*, a partir da constituição dessa secretaria, culminou na elaboração do Programa Esporte e Lazer da Cidade. Então na verdade o PELC, ele é um acúmulo das experiências sucedidas nesses municípios iniciais que o PT governou, desde o final da década de 1980, início da década de 1990, mais o

⁵ Marco Antonio Santoro Salvador.

⁶ Partido Comunista do Brasil.

desenvolvimento de intelectuais, acadêmicos, que puderam pensar essa política pública daquilo que a gente construiu esse tempo todo. E o Programa é uma síntese disso.

M.M. – E você estava envolvido nesse processo inicial?

C.C. – Então, eu estava envolvido de maneira indireta, vamos dizer assim, não de maneira direta atuando, a frente desse movimento, eu estava ali como alguém que vai...

M.M. – Contribuinte...

C.C. – Contribuindo. Alguém que meio que discutindo, mas não colocando a cara para bater, ainda que na primeira composição na discussão dessa composição dessa secretaria, o meu nome tenha sido levantado a fazer parte desse primeiro grupo que integrou a secretaria. Mas por uma série de questões, inclusive questões políticas, eu acabei não assumindo o cargo em Brasília e não fui constituir a secretaria. Logo, quando o PELC inicia suas atividades, primeiro houve o projeto piloto, com algumas cidades, alguns municípios brasileiros em 2003. Eu não fiz parte desse grupo, mas em 2004, logo quando esse projeto piloto se encerra e você começa a ter a elaboração efetiva do PELC, de uma maneira mais aberta, mais ampla pelo Brasil inteiro, eu começo a trabalhar enquanto formador. Então, naquele tempo nós éramos... Formadores que atuaram nesse período, a gente tinha o próprio Luiz Otávio, que acabou assumindo uma função na secretaria, mas acompanhava também nas formações, a Diná Ramos⁷ de Campinas - São Paulo, o Victor Melo⁸ e logo depois eu entrei e comecei a participar do Programa a partir de 2004 e estou até hoje 2017, já são aí treze anos de PELC na vida.

A.Z. – Bastante tempo! Queria perguntar uma coisa, esse grupo quando começou, ele já se chamado Setorial de Esporte e Lazer do PT?

C.C. – Não. Havia esse grupo do Rio que a gente se articulava, discutia as questões... Como existiam outros grupos em outros municípios brasileiros, mais particularmente esses municípios que tinham essa experiência com a política pública do esporte e lazer no Brasil,

⁷ Diná Teresa Ramos de Oliveira.

⁸ Victor Andrade de Melo.

nesse perspectiva do Partido dos Trabalhadores, e a primeira estratégia partidária de unificação desse grupo, foi a criação de um Setorial que discutisse especificamente o esporte e lazer. Então essa era uma prática dentro do Partido a questão dos Setoriais, e você criar um Setorial Nacional de Esporte e Lazer foi um ganho muito grande para esse grupo na época, porque levou esse tema a ser oficializado dentro do partido.

M.M. – E nessa fase teve algum processo de preparação para ser formador? Como seria essa atuação desse formador?

C.C. – Na verdade como eu participei muito do início desse processo, toda a construção do Programa em si, das suas diretrizes, dos seus eixos norteadores, do próprio processo de formação como ele aconteceria, isso foi fruto dessas discussões que a gente fazia desde a década de 1990. Então, foi um desdobramento daquilo que a gente pensava em termos de política pública, já considerando a importância de um processo formativo daqueles que atuariam na ponta que eram os agentes sociais. E para isso a gente precisaria desse agente mediador dessa... Desse mediador que acabou se transformando na figura do formador. Na época a gente discutia muito esse termo, “formador”, mas formador quer dizer que a gente vai colocar alguém dentro de uma forma [risos], mas a gente não encontrou um nome melhor e ficou formador. Então a gente foi se formando enquanto formadores, no processo de ser formadores, acumulando a partir daquele acúmulo de questões que a gente vinha desenvolvendo já há algum tempo.

M.M. – E você pode falar um pouco como foi essa fase de formador?

C.C. – Bom, foi uma fase de muito trabalho...

M.M. – Você continua sendo formador?

C.C. – Olha, eu estou trabalhando como articulador; agora eu trabalho como articulador que é um outro cargo que existe dentro do Programa há três anos. Eu fiquei mais de dez anos enquanto formador. Então, visitei quase que o Brasil inteiro, quase todas as regiões, conheci muitas realidades diferente, e o processo de formação do formador... O meu processo de formação enquanto formador se deu muito por conta desse conhecimento,

desse reconhecimento, dessa diversidade brasileira, então, para além de todo acúmulo teórico que a gente desenvolveu na parte mais acadêmica da nossa vida, enfim. Esse conhecimento das diferentes realidades, dos diferentes sujeitos foi fundamental para entender não só essa diversidade que é o país, mas também a importância do esporte e do lazer na vida das pessoas. Foi fundamental.

M.M. –Quais eram as funções que você tinha mais como formador?

C.C. – Assim, nosso processo era... A gente fazia as formações que naquele tempo tinha módulos de trinta e duas horas, então, a gente ia para uma determinada cidade que tinha um determinado convênio, ficávamos lá quatro dias trabalhando com um grupo e depois voltávamos em um outro momento já mais para o final do convênio, com mais trinta e duas horas, do que a gente chamava de Módulo Introdutório, e eu não sei se já naquele momento era o Módulo de Avaliação que a gente chamava, mas provavelmente sim, porque hoje a estrutura é diferente. Hoje a gente tem Módulo Introdutório I, Módulo Introdutório II, Módulo de Avaliação I, Módulo de Avaliação II. Essa formação foi dividida em quatro módulos e naquele tempo eram dois Módulos. Então era basicamente isso. Nesse tempo o grupo de formadores era pequeno, então, isso foi *bacana* também porque eu pude junto com a Diná, com o Victor, com o Luiz Otávio e com outras pessoas que foram entrado posteriormente, desenvolver um trabalho muito próximo em termos de diálogos que a gente tinha, das visões que a gente tinha sobre o processo de formação. A gente estava muito azeitado para trabalhar com as diferentes realidades. E aos poucos esse grupo foi se ampliando, e chegamos até um momento, onde nós tínhamos setenta e sete formadores, ficou até apelidado do “Coletivo 77”. Que é um número considerável, tinha muitos convênios também, mas era um grupo muito grande, e com esse grupo muito grande a gente acaba perdendo um pouco dessa linguagem... Não que a gente tenha que ter uma linguagem formatada, padronizada, mas nesse momento, com muitos formadores, a gente tinha... A gente teve uma *perda*, vamos dizer assim, de um discurso mais unificado do Programa em relação as suas diretrizes, aos seus eixos, que é o que a gente se esforça muito para que se tenha até hoje no Programa.

M.M. – Antes de eu entrar na parte do articulador do sistema do PELC. Então, como aconteceu esse processo de formador para articulador? Como foi essa fase?

C.C. – Como a perspectiva do Ministério e da equipe UFMG pensaram nessa função de articulador, eles fizeram... Acabaram fazendo outro processo seletivo, específico para esta função. Eu me candidatei e muito por conta desta experiência de tantos anos no Programa, acabei assumindo esta função de trabalhar mais naquilo que o próprio termo diz: “articulador”, de articular os formadores da região da qual hoje eu sou responsável que é a região Sudeste e a região que a gente tem o maior número de convênios do Programa. E o meu trabalho hoje enquanto articulador se dá nesse processo, de uma relação mais próxima aos formadores do que, propriamente, com os convênios. Isso mudou! Então com os formadores a gente tem discussões sobre os documentos que são produzidos, as programações das formações, os relatórios das formações. A gente trabalha muito na tentativa de verificar esse discurso mais padronizado em relação ao que é o Programa PELC e como que isso passa pela formação dos diferentes formadores da região Sudeste para a gente não estar... Não falar as diferentes línguas. O articulador também tem a função de produzir determinados materiais pedagógicos, pesquisas para o Programa, então, já nesse tempo de dois, três anos eu tenho trabalhado nessas funções específicas do articulador.

M.M. – De 2014 a 2015?

C.C. – Isso! De 2015.

M.M. – De 2015. E teve alguma preparação para ser articulador. Ou seja, nesse edital que você falou, vinham explícitas as funções que você iria cumprir?

C.C. – Sim, a gente já...

M.M. – De capacitação, algum processo assim.

C.C. – Sim, a gente já teve acesso a essas funções que deveriam fazer parte do trabalho do articulador, mas não houve um processo de formação dos articuladores. Até por que, creio que todos os articuladores já tinham uma experiência com o Programa, já conheciam o

Programa, já sabiam como ele se desenvolvia, participaram da construção do Programa. Então não *houve* a necessidade de você ter um processo de formação dessas pessoas.

M.M. – Entendi! E como articulador você trabalha diretamente, só com o PELC Urbano ou atua no Vida Saudável e no PELC Povos Tradicionais?

C.C. – Sim, o articulador trabalha com o seu grupo de formadores e os formadores fazem formações nas diversas modalidades do Programa tanto no Vida Saudável, como no PELC Urbano, quanto no PELC Povos e Comunidades Tradicionais.

M.M. – E para esse articulador... Tem uma preparação diferente para cada setor que o formador vai atuar?

C.C. – O articulador, uma das suas... Pré-requisitos que ele tem que ter para atuar na função é ter um conhecimento sobre as especificidades de cada uma dessas questões que são colocadas aí. O PELC Urbano que tem uma especificidade, inclusive em termos de perspectiva ou Comunidades Tradicionais, Vida Saudável, é preciso que a gente tenha conhecimento das diferenças e dessas especificidades.

M.M. – Como acontece esse contato que você tem com os formadores sobre isso?

C.C. – O contato com os formadores se dá nos encontros presenciais que a gente realiza, encontros como esse que a gente está vivendo hoje⁹. Como a gente está muito próximo, no caso do Sudeste, há muitos formadores da região de Minas Gerais, a maior parte mora aqui em Minas Gerais, então, fica muito fácil da gente se encontrar e a gente tem um calendário de discussões, que é o calendário virtual. A gente se reúne através do *Skype* e de outros programas para debater, quase que quinzenalmente, assuntos relativos a formação. Então tem esse contato com o grupo, tem um contato individual com os formadores em si, telefone, *e-mail*, também *Skype*, enfim, nosso contato é muito *próximo* e muito recorrente.

⁹ Referência ao Encontro de Formação do Programa Esporte e Lazer da Cidade - Vida Saudável - Povos e Comunidades Tradicionais foi realizado em Belo Horizonte nos dias 26 a 28 de abril de 2017.

M.M. – E tem também algum contato, mesmo que mínimo com o núcleo?

C.C. – Então, os articuladores também podem, quando for necessário, ir visitar os convênios. Então vamos supor que a gente tenha uma experiência em um convênio tal, e que esteja sendo muito exitosa e aquilo mereça uma reflexão para que gere um material, um produto específico sobre aquilo. Então, o articulador pode ir lá, observar, fazer uma reflexão mais apuradas daquela temática. Como eu posso também viajar pelo convênio para acompanhar uma formação, para ver como a formação está sendo executada por um formador que é recente no Programa, e que eu não conheço, não tenho uma relação mais próxima. Então a gente pode também acompanhar os núcleos!

M.M. – No seu envolvimento com os formadores, tem temas específicos já definidos que vocês abordam?

C.C. – A gente tem uma série de agendas e temas que a gente vem abordando. Por exemplo, essa questão do Programa é algo que a gente sempre discute; a gente trabalha a partir dos eixos do Programa e vê como eles se dão na programação das formações. Então, como a gente tem discutido esporte? Como é que você tem discutido esporte e como é que o nosso grupo tem discutido esporte? Vamos procurar tentar unificar essas discussões, a gente tentar aproximar cada vez mais em busca de um discurso mais padronizado, então, a gente tem feito discussões nesse sentido e, por vezes, aparecem demandas... Eu lembro de uma pesquisa que eu acabei fazendo com eles, sobre a temática cultural... Que diferenças a gente pode observar nas discussões sobre cultura, que autores que são citados, que diferenças perspectivas existem... Então, há uma agenda, mas mais pautada para esse processo de formação; como é que o processo de formação tem se dado lá na ponta junto aos agentes sociais.

M.M. – E como tem sido essa experiência com os formadores? Tem conseguido resultados positivos?

C.C. – Sim, sim, quer dizer, uma grande vantagem que já é um grupo que se conhece há bastante tempo... A gente tem formadores trabalhando a oito, dez anos, então, a gente já conhece essas pessoas há muito tempo e isso é importante porque é um investimento com o

dinheiro público de muito tempo e que não está sendo desperdiçado. Vamos dizer assim, porque é um investimento de uma formação que tem um resultado significativo por conta dessa relação de um tempo maior no Programa. Então você consegue compreender melhor o Programa, desenvolver as suas ações e tem sido muito bom assim. O contato e os resultados são muito interessantes, a gente conseguiu hoje já dar uma nova cara para a formação.

M.M. – E eu perguntei qual o envolvimento com o formador. Na sua opinião, como essas formações tem impactado os núcleos que você tem acesso?

C.C. – Aí eu posso falar um pouco da minha experiência enquanto formador e enquanto articulador. Porque enquanto formador eu estava muito mais próximo dos agentes propriamente do que hoje enquanto articulador. Apesar de saber o que está acontecendo por conta do contato com os formadores, o PELC tem problemas estruturais que não depende, exclusivamente dele. Que afetam diretamente esse processo das relações com os agentes. Então, por exemplo, o valor da bolsa do agente social que para alguns municípios ele é suficiente, para outros municípios maiores, cidades grandes e médio porte aquele valor não é suficiente, isso faz com que você tenha uma grande rotatividade de agentes sociais. Então, por vezes você dá uma formação de um Módulo Introdutório, quando você volta dois meses depois com o Módulo Introdutório II você já tem ali 70% do grupo que já são outras pessoas. Quer dizer, isso é um grande problema, porque você tem que praticamente voltar aqui que você já discutiu anteriormente, porque você está diante de um grupo novo. Então são questões que são colocadas: o valor da bolsa e o processo de contratação que é muito difícil em alguns municípios e nas prefeituras; são questões estruturais e que são enfrentamentos que a gente tem feito nesse processo todo de existência do Programa. Agora de um outro lado, é preciso também a gente ressaltar que esta formação pedagógica que o Programa oferece aos agentes sociais, ela tem alcançado resultados e impactos muitos significativos. A prova disso é diversos sujeitos que atuavam como agentes sociais no Programa e que a partir dessa atuação e a partir desse contato com a formação, foram fazer suas pós-graduação e hoje são mestres, doutores. Hoje trabalham como formadores no Programa ou em outros programas sociais, ou acabaram assumindo para si as tarefas lá nos seus municípios nos seus Estados, lá no campo das políticas públicas como secretários, como agentes públicos na elaboração e na formulação dessas

políticas. Então isso é um dado concreto que a gente tem. Fora esses exemplos, o contato mais diário com o processo de formação dos agentes é você quer efetivamente saber se eles conseguem provocar uma outra visão para além do senso comum que as pessoas têm sobre o campo do esporte e lazer. Então das maiores diferenças que o PELC tem, em relação a outros programas sociais, é o *forte* investimento e do reconhecimento da importância dessa formação pedagógica para os agentes. Isso diferencia o PELC de vários outros programas que eu já trabalhei e que eu conheço.

M.M. – Além desses pontos positivos que você colocou, na sua opinião, você acredita que o PELC consegue cumprir o papel de inclusão social no sentido do envolvidos, tanto dos agentes quanto dos formadores?

C.C. – O PELC colabora para isso. A gente sabe que esse processo de inclusão social em um país do tamanho do Brasil ele é muito difícil, né! Mas o PELC hoje está em todas as regiões brasileiras, *claro*, a gente enfrenta problemas estruturais, como por exemplo, cortes de recursos do Ministério, o que faz com que a gente tenha uma retração dos convênios atualmente em desenvolvimento. A gente fez um último edital no ano passado e esses convênios não foram estabelecidos e muitas das prefeituras que tem o convênio aprovado não conseguem fazer a formalização porque não tem uma expertise na realização do SECONV¹⁰. Por exemplo, agora apesar disso tudo, para aqueles convênios que conseguem receber o Programa, os exemplos positivos são muito maiores do que os exemplos negativos. Eu já tive experiências do Programa que foram fundamentais para a gente perceber a incorporação nas pessoas da comunidade atendida, na incorporação dessa visão do lazer e do esporte enquanto direito. E isso é a grande questão do Programa. O Programa nasceu com essa perspectiva, de trabalhar na perspectiva da pessoa compreender o lazer e o esporte enquanto direito social e lutar por isso. E eu acho que o Programa dá respostas significativas nesses anos existência nesse sentido.

A.Z. – Deixa eu perguntar uma coisa. Tu falou dos cortes. E a gente vê um Programa tão consolidado como o Programa Segundo Tempo, por exemplo, que agora tem a perspectiva de não continuar. A partir desses cortes que estão acontecendo tu tem alguma perspectiva

¹⁰ Seção de Contratos e Convênios.

em relação ao PELC da possibilidade de não continuar em algum momento ou se os cortes estão vindo muito fortes.

C.C. – Bom, a informação que a gente tem, inclusive a gente teve a informação nesse encontro, no primeiro dia com o diretor que aqui participou representando o Ministério. É de que o novo convênio vai ser restabelecido com a UFMG para mais de dois anos, desse processo de formação do Programa, apesar dos cortes, apesar de tudo. Então a gente entende, a partir dessa sinalização que o Programa vai continuar. Inclusive ele anunciou que o PST¹¹ também vai continuar, eles vão publicar um novo edital do PST agora, já está para sair. Então apesar de tudo, apesar de todos os cortes, apesar das notícias - nem das notícias - mas dos boatos de que o próprio Ministério do Esporte vai acabar, que ele vai virar uma secretaria dentro do Ministério da Educação, como já foi anteriormente, junto com Turismo, mas o que se anuncia pelo menos do ponto de vista da palavra oficial, é que haverá continuidade. Agora política é política, fiquemos sempre com um pé atrás.

M.M. – Você falou sobre as experiências que você teve e que tanto demonstraram essa importância do Programa. Eu fiquei curiosa, gostaria que você citasse para a gente, se você aceita claro, algumas experiências como formador, que foram muito impactantes para você. Nesse sentido, podem ser tanto positivas como negativas, se puder ser as duas, melhor ainda, porque a gente consegue visualizar, tanto quanto formador até como articulador.

C.C. – Então vamos começar por uma... Não são muitas né [risos]. Tem que ver, falar das primeiras que vierem à cabeça. Eu lembro de uma negativa, negativa e até engraçada. A gente estava fazendo uma formação em um município mineiro chamado Dom Cavati, uma formação não lembro o ano se foi 2009 ou 2008, já tem bastante tempo. A gente estava discutindo toda aquela questão do esporte recreativo e do esporte espetáculo, a questão do direito, a questão das atividades em geral do Programa, trabalhando nessa perspectiva do direito social, da inclusão social, da não discriminação, da vivência e da valorização do lúdico e tal. Aquele discurso todo que vai passando na cabeça: “Pô que bacana!” concordando e tal. E, em um determinado momento da formação, a gente fez o quê? A

¹¹ Programa Segundo Tempo.

gente chamava de furdunço, que era uma festa, como se fosse uma feira para os agentes mostrarem o trabalho deles. E aí foi se apresentar um grupo de capoeira, fizeram uma roda de capoeira e existiam dois grupos de capoeira entre os agentes: um grupo de angola e um grupo de regional... A gente estava na roda de capoeira fazendo todo um discurso de capoeira: “Olha, a capoeira é uma das práticas mais democráticas que a gente conhece, porque a gente pode participar gingando, dançando, batendo palma, cantando, tocando um instrumento, coisa da roda, uma manifestação que traz toda a questão da resistência e tal”. De repente, na apresentação da capoeira, os dois mestres, um da regional e o outro da angola saem na porrada. Na hora a gente olhou e disse: “Cara, o que adiantou a gente falar isso tudo, quando vai para...”. Isso que mostra para gente como é difícil você trabalhar com uma visão que foge do senso comum, daquilo que as pessoas estão acostumadas e que já incorporaram no seu cotidiano nas suas práticas.

M.M. – Eu fiquei na dúvida, nessas formações quantos formadores iam? E quanto era a demanda?

C.C. – Normalmente... Depende do tamanho do grupo, a gente trabalhava ou com um formador quando o convênio era pequeno, poucos agentes sociais. A maior parte das formações a gente trabalhava com dois formadores. Mas às vezes havia a necessidade de três, quatro, dependendo do número de agentes sociais.

M.M. – Era mais ou menos quanto da demanda que aparecia?

C.C. – A mais ou menos um grupo de quarenta, cinquenta agentes. Aí nós íamos com dois ou três, mas a maior parte do grupo tinha vinte, vinte agentes sociais por aí. E uma das positivas, uma das muitas também [riso], foi uma formação que eu fui fazer do Vida Saudável em Ouro Branco também um município mineiro, aqui pertinho de Ouro Preto, Ouro Branco. E era um grupo de pessoas ligadas a um sindicato de aposentados de uma empresa de siderurgia que existe lá em Ouro Branco. E esse idosos levaram o PELC para lá, fui fazer a formação, e tinha ocorrido um problema com... Era uma formação dessa entidade junto com a prefeitura, e tinha ocorrido um problema em relação ao prefeito que, de uma hora para outra, não queria mais o Programa acontecendo lá, não queria liberar os espaços que eram ofertados para as oficinas, tinha o salão da igreja, tinha outro... Um salão

da prefeitura que ele não queria mais liberar, enfim, não sei por que ele tomou essa atitude, e aí duas coisas chamaram a atenção nesse convênio: primeiro, que além do grupo dos agentes sociais participação da formação, os idosos que eram os participantes, os beneficiados, também participaram da formação, então, eu fiz uma formação com quatro, cinco agentes sociais e *oitenta* idosos. Então quando eu cheguei eu falei: “Caramba! O que é que é isso?” Falei: “Que bacana!” E foi um barato a formação porque eles interviam toda hora, eles discutiam e tal. E aí chegou essa questão do prefeito: “Ele está dizendo que o Programa vai acabar”. E eu falei: “Tudo bem, vamos tentar fazer uma atividade”. E aí a gente bolou o nosso furdunço, que aconteceria no meio do evento, ele foi um protesto, a gente organizou uma passeata com os idosos.

A.Z. – Que demais!

C.C. – Tinha um grupo que trabalhava com artesanato, e eles elaboraram faixas, cartazes e fizemos uma passeata em frente à prefeitura; um protesto do PELC, pelo retorno da abertura do salão da prefeitura para as atividades do Programa. Então ali aconteceu isso: reconhecer o direito social e lutar por ele, autonomia, participação política, todas as bandeiras que a gente defendia desde a década de 1990, estavam ali concretizadas.

M.M. – E como articulador quais suas experiências tanto positivas quanto negativas?

C.C. – Experiência negativa quanto articulador nenhuma, não tenho nada a falar, assim, do ponto de vista negativo quanto a esta função...

M.M. – E dificuldades, e qualquer coisa que for pensar, porque negativa é uma palavra muito pesada, mas no sentido de ressaltar alguns desafios.

C.C. – Não, mas por enquanto não, também não. Como é uma função recente, vamos dizer, dois anos, ainda não deu muito para perceber não porque, na medida que os desafios tem aparecido a gente tem conseguido resolver. Mas positivamente, com certeza esse contato mais próximo, ou um grupo de formadores que dá a gente a possibilidade de estar discutindo o Programa quase que semanalmente. Então essa é uma experiência muito boa.

A.Z. – Nesse tempo todo que tu trabalha com lazer, ou até mesmo no PELC, tem alguma coisa que te emocionou muito e que para ti é muito especial?

C.C. – Esse exemplo com os idosos lá em Ouro Branco que foi muito especial, foi muito emocionante. Tem outras mas vou ter que me lembrar, tem tanta coisa, tantas emoções.

M.M. – E na sua opinião, o que é possível fazer para qualificar mais o Programa?

C.C. – Eu acredito que essas questões mais estruturais como eu estava falando, elas são fundamentais. O Programa não pode ter um corte de recursos como ele vem sofrendo porque isso impacta diretamente na sua execução. Todo o investimento na educação dos formadores, todo investimento na educação à distância, todo o investimento em várias ações que o Programa tem desenvolvido não se justificam se a gente não tiver alguns convênios sendo executados. Porque todo esse esforço, todo esse trabalho, ele feito para que as pessoas lá da ponta recebam essa ação, esse direito do esporte e do lazer. Então essas questões estruturais é que acabam impactando muito o Programa, do ponto de vista do corte. Do ponto de vista dessa relação que eu falei das bolsas, que o valor necessitaria de um reajuste do ponto de vista dos bolsistas. A gente ainda precisa investir muito nessa questão da formação de serviço do agente social, que é um grande gargalo que o PELC tem, quer dizer, você tem os formadores que estão lá durante quatro momentos, dos módulos ao longo do processo formativo. Mas quando eles não estão lá, como é que se dá a discussão de novas atividades? A elaboração de novas atividades? Essa é uma ação em serviço, então, isso depende muito do comprometimento dos agentes, do comprometimento dos coordenadores, então, esse é um gargalo que a gente tem tentado enfrentar. E acho também, que é uma coisa que eu venho falando há algum tempo, que é de uma maior ligação do PELC com a Rede CEDES¹². Acho que a Rede CEDES é fundamental para fomentar a pesquisa nesse campo do lazer, e da política pública do esporte no Brasil mas vejo que ainda ela é um pouco desarticulada das ações do Programa. Acho que a Rede CEDES poderia contribuir mais com alguns desses enfrentamentos que o PELC precisa fazer, talvez através de pesquisas de demandas induzidas. Acho que a gente pode ter um afinamento melhor entre PELC e Rede CEDES.

M.M. – Com a implementação da EAD¹³ como você tem visto o impacto isso que tem causado nos núcleos? Como era antes com os formadores e agora a partir desse envolvimento com a EAD?

C.C. – Acho que a Educação à Distância já é uma realidade no Programa, inclusive ela tem impactado a nossa formação presencial porque a partir da EAD o Programa acabou gerando novos documentos, novos cursos, novas reflexões teóricas que são fundamentais para a nossa própria formação presencial. Então, essa produção do conhecimento da EAD tem ajudado a gente a reformular as nossas formações; agora esse processo da EAD ainda precisa ser consolidado, então, a gente tem hoje... Inclusive essa semana foi discutido no evento mais uma vez, como é que a gente consegue cativar, efetivamente, esse agente social que está no Programa a se matricular nos cursos de EAD. A gente tem alguns fazendo, mas talvez a maior parte das pessoas que participa dos cursos hoje de EAD são pessoas que nem tem vínculo com o PELC. A gente tem, cada vez mais, investido nessa divulgação... A gente não pode obrigar as pessoas a fazerem, os agentes a fazerem, mas a gente tem tentado; os formadores e nós temos tentado mostrar a importância desse curso, para os agentes sociais e a EAD pode ser a grande solução entre aspas, para esse processo da formação em serviço como eu havia falado. Porque é um material que está disponível, está no ar vinte e quatro horas, de fácil acesso. Hoje em dia a inclusão digital alcança quase que todos os municípios brasileiros, então, ela *chegou* com um potencial *muito forte* que se continuar nessa pegada vai trazer resultados interessantes para nós.

M.M. – Professor, a gente queria saber se você tem alguma consideração que a fazer sobre o PELC, sobre seu envolvimento com o Programa desde sua atuação como formador a articulador... Algo que a gente não tenha contemplado.

C.C. – Não, acho que vocês passaram [riso] pelos diversos pontos dessa minha relação com o PELC. Acho que é importante dizer o quanto o Programa também impactou a minha vida enquanto pesquisador, a minha vida enquanto professor, o quando ele foi importante, como eu já falei no início, para conhecer essas diferentes realidades brasileiras. Conhecer diversos sujeitos, colocar um pouco as nossas verdades em questionamento, compreender e

¹² Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

¹³ Educação a Distância.

exercitar essa questão que é tão difícil do diálogo, do processo de convencimento, de ser convencido. Então PELC foi fundamental para minha... Não só para a minha vida acadêmica, mas na formação do Carlos Fernando sujeito também.

A.Z. – Fora o PELC tu chegou a trabalhar em algum outro programa social desse tipo ou não?

C.C. – Não, só o PELC.

M.M. – Mas dentro da área do esporte e lazer, na universidade, enfim, outros setores você trabalhou?

C.C. – Bom, em 2007, agora que você falou e eu lembrei... Em 2007 o Ministério do Esporte foi chamado pelo Ministério da Educação pela SECAD¹⁴, era uma secretária do Ministério da Educação a participar de um projeto desenvolvido pela UNESCO¹⁵ que foi o Programa Escola Aberta Eu atuei nesse grupo da Escola Aberta em 2007, junto com outros formadores; fizemos esse braço do Ministério do Esporte no Escola Aberta que era um programa muito interessante, que era aquele programa de abertura das escolas nos finais de semana, que teve também resultados muito bacanas de diminuição da violência nas comunidades, depredação do prédio público da escola, e depois o programa acabou não acontecendo mais Então foi um programa que eu também atuei, o Escola Aberta.

M.M. – Então Carlão, gostaria muito de agradecer pela sua paciência, e toda a dedicação em nos atender.

C.C. – Eu que agradeço, contem sempre comigo, o trabalho que vocês fazem é fundamental, a importância que a gente reconhece da memória, do registro que ajuda a marcar cada vez mais a identidade do programa. Obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁴ Sistema de Educação Continuada.

¹⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.